

PSICANÁLISE E EDUCAÇÃO: O SEXO E A PSICOSSEXUALIDADE

Raymundo de Lima* (UEM)

“Três atividades impossíveis: governar, educar e psicanalisar”. **Sigmund Freud**

“A psicanálise é uma despsiquiatrização do sujeito” **M. Mannoni**

1. INTRODUÇÃO: PSICANÁLISE: CONCEITOS FUNDAMENTAIS

Primeiro: não se deve confundir psicanálise com **psicologia** (com seus vários sistemas teórico-metodológicos, cujo propósito é investigar e entender o psiquismo humano) e a **psiquiatria** (que é uma especialidade médica, mais técnica do que teórica, e focada no tratamento das patologias mentais por meio da medicação)¹.

Segundo: não se deve confundir a psicanálise, que é uma criação de Sigmund Freud (1856-1939), acompanhado por outros autores, tais como: A. Freud, M.Klein, D. Winnicott, J. Lacan, etc. Em 1911, com a Psicologia Individual-Social fundada por Alfred Adler, o primeiro dissidente do grupo psicanalítico, e em 1914, com a “Psicologia Analítica” ou “Psicologia Complexa-Arquetípica”, fundada por outro dissidente, Carl Gustav Jung. Esses dois eminentes psicólogos fizeram parte do grupo coordenado por Freud, e até contribuíram para a construção e divulgação da psicanálise, mas, depois fundaram os seus próprios sistemas teóricos e técnicas psicoterapêuticas específicas. Também não se deve confundir psicanálise com as técnicas Catarse e Hipnose, que foram usadas por Freud na fase considerada pré-psicanalítica, resgatadas por outras terapias.

* RAYMUNDO DE LIMA é psicólogo, psicanalista, mestre em psicologia (UGF/1985), doutor em educação (USP/2005). Desde 1995 é professor de Metodologia e Técnica de Pesquisa [Metep] do Depto. de Fundamentos da Educação, da Universidade Estadual de Maringá, Pr. Escreve mensalmente na revista eletrônica <www.espacoacademico.com.br>.

¹ Esse artigo não pretende aprofundar essas distinções, mas podemos esclarecer essas e outras durante o mini-curso. Por exemplo: psicanálise X “psicoterapias”, psicopedagogia, parapsicologia, etc.

Terceiro: a psicanálise é modesta em suas explicações e até mesmo nos resultados do tratamento psicanalítico das desordens mentais ou psíquicas, especialmente das neuroses. O que se tornou dito popular “Freud explica”, na verdade, não representa uma atitude genuína do pai da psicanálise. Isto é, Freud jamais adotou a atitude pretenciosa ou arrogante de “explicar tudo”. Vale observar que a melhor interpretação do psicanalista jamais explica todo o funcionamento inconsciente. Durante o tratamento analítico, possivelmente, é o paciente que está mais bem posicionado para produzir uma descoberta (*insight*), porque só ele pode rastrear sua história e ter acesso aos conteúdos recalçados. Ao contar sua história, o paciente vai construindo sentidos, sem fim. Portanto, os escritos freudianos são modestos em suas orientações e explicações; basta ler alguns artigos seus para reconhecer a abertura científica para escutar, interrogar, levantar hipóteses sobre as causas complexas do sofrimento psíquico demasiadamente humano. Freud jamais é conclusivo ou dogmático em suas teorias. Creio ser mais acertado falar de “hipóteses psicanalíticas” visto que suas afirmações são provisórias e abertas às novas investigações.

Na leitura de sua obra cujos assuntos são diversificados, Freud foi ousado em abrir um novo paradigma para investigar e tratar as doenças mentais. Conforme escreve Lydia Flemm:

Sua obra, Sigmund Freud a construiu **não** medindo os astros, os crânios ou os grandes fluxos econômicos, mas **escutando o inaudível, o vergonhoso e o incoerente dos seres humanos**. E, em primeiro lugar, de si mesmo. **Inventou uma obra teórica a partir de sua própria intimidade**. Como um poeta ou um romancista, ele fala da trama de seus dias e de suas noites, de **tudo o que é geralmente considerado como ‘insignificante’** e aí procura, sabendo, as pistas de um outro mundo cuja hipótese ele cria: a realidade psíquica, a realidade do inconsciente (...). **Pois foi justamente da vida cotidiana dessas pessoas, de seus sonhos que um estranho doutor fez da vida privada o objeto de uma pesquisa que ele queria científica e do poder das palavras um instrumento de cura** (FLEMM, 1988, p. 13-14). [negritos meu].

Em 1922, num verbete redigido para a Enciclopédia Britânica, Sigmund Freud conceituava a psicanálise como: “(1)um método para a investigação de processos mentais que de outro modo seriam quase inacessíveis; (2) um método baseado nessa

investigação para o tratamento de desordens neuróticas; (3) uma série de concepções psicológicas adquiridas por esse meio e que vão se juntando umas às outras para formarem, progressivamente, uma nova disciplina científica”. Em 1964-5, uma definição parecida é publicada por Louis Althusser, no artigo “Freud et Lacan”². Segundo esse autor a psicanálise é: uma **teoria**, uma **técnica** de interpretação e uma **clínica** das desordens psíquicas ou mentais. Na teoria [Freud a denomina ‘metapsicologia’] e na prática, a psicanálise é um saber do desvelamento do Inconsciente. O inconsciente concebido por Freud “não é aquilo que se encontra ‘abaixo’ da consciência³, nem o psicanalista é o mineiro da mente, que, inversamente ao alpinista platônico da psicologia clássica, vai descer às profundezas infernais do inconsciente para encontrar, no mínimo, o *malin génie* cartesiano” (GARCIA-ROZA, 1983, 170). O inconsciente psicanalítico é um “outro” dentro do sujeito, que age por contra própria movido por pulsões e desejos, passando por cima da consciência, através dos sonhos, lapsos de linguagem, atos falhos, chistes, sintomas, garatujas, escritos, as artes em geral, enfim, em todas as manifestações cuja origem é lacunar, mas que sempre porta um sentido de fundo simbólico.

Freud chama de **Inconsciente** a instância constituída de elementos recalçados, que se recusam a chegar à instância pré-consciente-consciente. Lacan cunhou seu famoso aforismo “o inconsciente é estruturado como se fosse uma linguagem” (apud CHEMAMA, 1995, p.106), fundamentando seu ponto de vista através da teoria da linguagem⁴. Portanto, as manifestações dos humanos são passíveis de serem lidas, interpretadas ou reconstruídas em sentidos para a consciência. Vale também acrescentar que a novidade freudiana é conceber o psiquismo dividido em duas lógicas, uma Consciente e outra Inconsciente. Isto é, somos movidos, ao mesmo tempo, por

² Cf.: ALTHUSSER, L. Freud e Lacan. In: *Estruturalismo: antologia de texto teóricos*. São Paulo: Martins Fontes, s.d., p.229-255. Tb.:PENNA,1978, p.85.

³ Por motivos que iremos esclarecer mais adiante, não existe o conceito “sub-consciente” na psicanálise. A “1ª tópica”, publicada em 1900, é composta dos sistemas Inconsciente, Pré-consciente e Consciente. A “2ª. tópica”, publicada em 1923, acrescenta: Ego, Id, e Superego.

⁴ Para aprofundar sobre a teoria freudiana sobre o inconsciente ver Freud (1900) “A interpretação dos sonhos”, e “Sobre o inconsciente” de 1915; a revisão de Lacan sobre o mesmo está em “Os escritos” (LACAN, 1973).

essas duas lógicas. Desse modo, não precisamos estar dormindo, sonhando, drogado, alcoolizado, ou em coma, para reconhecer que nosso inconsciente age fora de controle e da atenção consciente. No fundo, somos alienados de nossa vida psíquica total. “O sujeito sente-se como que atropelado por um ‘outro sujeito’ que ele desconhece, mas que se impõe a sua fala produzindo trocas de nomes e esquecimentos cujo sentido lhe escapa” (GARCIA-ROZA, op.cit., p.171). O inconsciente elaborado por Freud e Lacan não é um dado, mas uma atividade que emerge, numa brecha, produz-se nas situações de dificuldade, de desfalecimento e de perturbação. Mas a abertura do inconsciente se acompanha de seu fechamento. O que se faz acessível e se fez desejar, logo se esquiva, sendo assim impossível de alcançar (GUYOMARD, P. pós-facio de Mannoni, 1989, p.141). Resumindo, as hipóteses freudianas explicam: o funcionamento psíquico normal, as patologias mentais, a formação da personalidade que se dá por etapas, diferencia o ser humano dos animais pela especificidade do desejo *made in* inconsciente, cuja expressão simbólica porta sentido passível de interpretação, etc.

No campo educativo, a manifestação do inconsciente pode ser interpretada como um ‘sintoma’ de um conflito endopsíquico normal, o ‘jeito de ser’ do aprendiz, a relação de transferência⁵ entre o aluno e a professora, etc. Todavia, não se devem confundir as tentativas legítimas de explicações psicanalíticas com os equívocos de um ‘psicanalismo’ esclerosado, cuja tendência é negar as outras influências para além do círculo familiar, por exemplo, as influências sócio-culturais na formação da personalidade e as reações do sujeito a esse meio. Desse modo, a psicanálise reconhece a influência da cultura ou civilização, identificando inclusive um “mal-estar da modernidade” sobre grupos e sujeitos de nossa época.

Seguidores da psicanálise demonstram preocupação sobre a caducidade de nosso modelo da escola que é indiferente sobre as manifestações psicosssexuais tanto dos alunos como dos professores. Por que a professora é chamada de mãe, num

⁵ “**Transferências**” são as reproduções de experiências psíquicas infantis revividas, não como algo passado, mas como vínculo atual com a pessoa do psicanalista, do professor, etc. A transferência pode ser um momento que o desejo de saber se potencializa; é algo que favorece o vínculo do aluno com o saber (disciplina) que o professor porta para ensinar. Ela pode afetar não apenas o interesse do aluno como também a percepção do conteúdo a ser aprendido.

aparente equívoco, ou ainda professores ou professoras de séries mais avançadas que, sem querer, despertam paixões em adolescentes? Como entender por que alguns alunos insistem passar por cima das regras da escola, mesmo aquelas criadas para sustentar um mínimo de segurança para o professor ensinar e aluno aprender? Como entender o aluno que parece recusar aprender ou ser minimamente seguir os parâmetros da civilização? Os atos de barbárie, denominados “amoucos”⁶, noticiados amplamente pela imprensa de nossa época hoje é o maior desafio que levam todos – psicanalista, inclusive – a se perguntar: por quê? Tomados como um sintoma pós-modernidade, que Bauman (1998) prefere denominar modernidade ‘líquida’, leva-nos interrogar: qual o seu sentido? Essas e outras questões fazem criar uma expectativa, talvez exagerada, de que a escola e a universidade sejam as “instituições capazes de desbarbarizar a sociedade” (ADORNO, 1995a;1995b). À escola cabe desenvolver nas crianças modos civilizados de convivência como também “gerar uma vergonha” (ADORNO, 1995a, p.166) sempre que escapar uma transgressão; à universidade cabe aproveitar todos os espaços e oportunidades para gerar “esclarecimentos”⁷. Não basta essa instituição se dedicar a pesquisa e o ensino, mas também “ir aonde o povo está”, ou seja, é imperioso que a universidade socialize tanto o conhecimento sistemático como se disponha a aprender formas de boa convivência com os diversos grupos sociais. Ademais, o aumento de casos de violência no espaço escolar-universitário podem ser reflexos da sociedade como também um efeito específico (sintoma) dessa

⁶ O ato ‘amouco’ vem de *Amok*, palavra de origem javanesa que, a psiquiatria contemporânea designa as síndromes exóticas e raras de povos ‘primitivos’. Na sociedade contemporânea vem ocorrendo, com freqüência, o comportamento de indivíduo que corre matando, de forma indiscriminada, sem motivo aparente, todos que encontra na sua frente, suicidando-se depois. Principalmente nos Estados Unidos os atos amoucos geralmente ocorrem em escolas e universidades, onde alunos e professores são brutalmente assassinados. Embora existam estudos e programas de prevenção como aquele divulgado no filme “Bang, bang, você morreu”, os atos amoucos escapam à compreensão sistemática. Zuin (2008) levanta algumas hipóteses: ressentimento reprimido do aluno rotulado de *loser* – perdedor - pelos colegas e professores; aspiração narcísica de aparecer de modo espetacular na mídia, isto é, “*se você não pode se tornar conhecido e famoso na e com a sociedade, então se volte contra ela*”, desejo de onipotência e produzir remorso em escala global; e, ainda, a facilidade de qualquer um adquirir armas. (Sugiro dois textos sobre o assunto: Zuin, 2008 e Kurz, 2001).

⁷ Os textos de Adorno imprescindíveis para os estudantes de pedagogia e professores são: “Tabus que pairam sobre a profissão de ensinar”, “Educação após Auschwitz” (ADORNO, T. *Palavras e sinais...*Petrópolis: Vozes, 1995b). Também: “Educação para quê?”, “Educação contra a barbárie” e “Educação e emancipação” (ADORNO, T. *Educação e emancipação*. Rio de Janeiro: Paz e Terra, 1995a).

instituição, isto é, de sua cultura ou tradição: a arrogância docente, trote, assédio moral etc.

A contribuição da psicanálise para a escola é fornecer instrumentos ao professor para ir além da atitude convencional esperada: “ensinar o que sabe”. Ir além é se posicionar como aquele que “ensina o que não sabe”, mas está disposto a interrogar sobre a verdade e realizar pesquisas. Se por um lado, o professor é contratado para ensinar conteúdos programados, e, nesse sentido ele é um porta-voz do conhecimento consagrado como válido, por outro, o encontro autêntico entre professor e alunos deve autorizar a emergência de “algo”: um saber fora-do-convencional, e um mostrar que o professor jamais saberá “tudo”. “Os alunos que triunfam são aqueles que seguem os passos não explícitos do mestre” (PUCCI, 1999, p.127). Seria a terceira fase da ascese docente, enunciado por Roland Barthes: “ensinar a desaprender”⁸? Em vez de seguir a tendência cultural ou os modismos teórico-metodológico da pedagogia, que impõem ao professor ora reprimir as pulsões anárquicas dos educandos, ora liberá-las totalmente (como se isso fosse possível); cabe ao professor apreender da psicanálise ‘algo’ que o oriente a canalizar essas forças (pulsões) dos alunos para um sentido criativo. A função “impossível” (sic) da educação é fazer os educandos conscientes dessa força desejante, sublimá-la, além de criticar o contexto social e histórico repressor ou liberalizante. Em nosso tempo é preciso diferenciar a luta anti-repressiva da década de 1970 com a promoção altamente liberal-permissiva pós 1990, e seus efeitos no psiquismo da nova geração.

2 DESEJO E NECESSIDADE: UMA DISTINÇÃO IMPORTANTE

Ainda que a psicanálise não seja uma teoria e nem é uma técnica de ensino e de aprendizagem, ela contribui para tratar os sujeitos a partir de seus desejos. O **desejo** (Al.: *Wunsch*), tal como é entendido pela psicanálise não é a mesma coisa que ‘necessidade’. Enquanto a necessidade é um conceito biológico, natural, que busca

⁸ Cf.: BARTHES, R. *A aula*. São Paulo: Cultrix, 1977.

‘satisfação’, e, no final, causa efeito de autoconservação (ex.: fome, então há necessidade de comida), o ‘desejo’, sendo de ordem puramente psíquica, é desnaturado e como tal busca ‘realizar-se’ na ordem simbólica. A necessidade faz aparecer a dimensão da falta-a-ter; a demanda e o desejo fazem aparecer outro registro da falta – a falta-a-ser.

A satisfação do desejo é sempre adiada e nunca atingida, portanto, o desejo busca reproduzir alucinadamente uma satisfação original (realização), ou seja, um retorno a algo que já não é mais, a um objeto perdido cuja presença é marcada pela falta. Para usar uma forma de S. Agostinho, o que caracteriza o desejo é a “presença de uma ausência”, ele é a nostalgia do objeto perdido (GARCIA-ROZA, 1983, p.145). Restando-lhe sempre insatisfação, o desejo se vê obrigado a buscar outro caminho, a realização do gozo⁹. Através de meios-objetos, tais como: a fantasia do seio, beijo, efeito da droga, o jogo poder político, de ser rico e privar o outro de também ter, imputar sofrimento a outrem etc., todas essas formas de ‘realização’ – não de satisfação – são marcadas por insatisfações primitivas que se atualizam na instância da consciência como ‘mais-gozar’. Há excitação contínua no psiquismo: prazer e desprazer, ao mesmo tempo. Enquanto a necessidade nos iguala aos demais animais, a pulsão e o desejo nos diferenciam deles. Se os animais são seres despreocupados, os humanos por serem desejantes são condenados a pré-ocupação e a sentir angústia. De certa forma, somos todos neuróticos porque usamos a angústia para barrar os perigos fantasmáticos que o nosso desejo não consegue dar conta. São todos neuróticos, ainda, porque estamos sempre insatisfeitos, obrigados a conviver com conflitos

⁹ A palavra “gozo”, em psicanálise, não se reduz ao biológico, e nem ao prazer do corpo, mas sim, conforme escreve Freud, em 1920, está situado ‘para além do princípio do prazer’. (Lembrar das expressões: “direito de gozar as férias”, “gozo estético” para designar o que é experimentado como ‘êxtase’ diante de uma obra de arte, etc. Na verdade, o gozo se opõe ao prazer, que abaixaria as tensões do aparelho psíquico, ao mais baixo nível possível. Ao contrário do prazer, o gozo é marcado pela repetição inconsciente, num esforço de reencontro com o objeto perdido de sua história, e supostamente seria detentor de total satisfação. Lacan faz uma analogia da ‘mais-valia’, tal como Marx a define, marcando o lucro do capitalista com a troca, com o ‘mais-gozar’, que é a extração do lucro do sintoma realizado pelo Outro do paciente (CHEMAMA, *ibid.*, p. 90-94; tb.: *Dic. Enciclopédico de Psicanálise*, org. por Pierre Kaufmann. Rio de Janeiro: Jorge Zahar, 1996, p. 84-85).

subjetivos, e fracassados para autocontrolar nossas pulsões desejanças, daí as compulsões á repetição, essa marca importante de todos os tipos de neuroses.

O desejo, como foi dito, procura realizar a nostalgia do objeto perdido *made in* inconsciente, isto é, do nosso "não-sabido". Em alemão, a língua de Freud, Inconsciente é *Unbewusste*, quer dizer: *não-sabido*. Então, o objeto não-sabido e recalçado do desejo visa repetir na atualidade o que no passado remoto foi prazer. Noutros termos, o desejo no ser humano implica num desvio ou perversão da ordem natural ou biológica.

Na definição psicanalítica, os seres humanos são seres pulsionais e desejanças, ou seja, não somos apenas determinados pelo instintivo, a matriz do comportamento dos animais, nem somente pela razão ou inteligência na definição clássica de *homo sapiens*. Na obra freudiana, é um equívoco traduzir *Trieb* (pulsão) por instinto, e muitos autores fundamentam essa tese¹⁰. A psicanálise investiga as leis que regem as pulsões e os desejos inconscientes. Os humanos não são mais movidos pelos instintos, tal como vivem os animais. Se fôssemos somente instinto, por exemplo, teríamos cio, faríamos sexo somente em determinada época do ano e apenas para procriar. Portanto, o instinto não é a marca da condição humana. Os humanos possuem cultura que organiza todas essas forças primitivas e forjam uma linguagem que funciona como um código de trocas simbólicas com outros seres humanos.

Operando pela via do recalque e da repressão, contra as forças primitivas e perversas, a educação contribui para que a cultura se auto-sustente no sentido de uma ética do desejo, isto é, ela [educação] demanda que cada sujeito aprenda a controlar suas pulsões ou supere sua tendência destrutiva redirigindo-as no sentido das realizações mais elevadas – científicas ou artísticas. Na sociedade liberal-permissiva, refém do consumismo influenciado pelo capitalismo, a satisfação é sempre adiada, isto é, nunca é atingida; o desejo sempre demanda mais desejo; logo, a possibilidade de 'realização' fica por conta dos objetos-fetiches produzidos pela indústria cultural,

¹⁰ Para entender essa fundamentação, sugiro dois autores: Paulo César Souza "As palavras de Freud..." (São Paulo: Ática, 1999) e Roland Chemama (org.) "Dicionário de psicanálise" (Porto Alegre: Artes Médicas, 1995).

visando o efeito de alucinação dos sujeitos transformados em consumidores compulsivos. Onde antes o superego era entendido como uma instância de vigilância moral, punitiva, repressiva, hoje ele parece regido por um novo imperativo categórico que impõe: “desfrute”, “goze”, “você pode”, “você tem que consumir para ser feliz” Embora esse assunto vêm sendo estudado (ZIZEK, 1990, 1999), ainda é necessários realiza mais pesquisas no sentido de ir para além de produzir teorias, ou seja, é preciso promover o esclarecimento e também uma práxis consciente e transformadora da realidade cujos agentes ideológicos sustentam uma moral do gozo, isto é, na contramão de uma ética do desejo.

3 EDUCAÇÃO POSSÍVEL-IMPOSSÍVEL

O ponto de vista psicanalítico considera que nossa educação capacita os sujeitos humanos para conviverem com o adiamento da satisfação e suportar as frustrações. A educação é sustentada no desejo – sobretudo no desejo de aprender, mais ou menos de cada sujeito¹¹ – e nas conquistas da civilização. Situada entre o passado e o futuro, a educação facilita a mediação das relações entre os seres humanos, fazendo com que a ‘nova’ geração adquira o legado de conhecimento e das regras da civilidade passado pela mais antiga. Para que o conhecimento e as regras se efetivem é preciso que haja recalque das pulsões primitivas. Em verdade, estamos condenados tanto a reprimir o nosso próprio desejo e “desejar o desejo dos Outros”, acumulados ao longo da história da civilização. Na concepção lacaniana, o homem quando deseja uma mulher, por exemplo, nada conseguirá de seu corpo enquanto objeto natural, mas algo mais especial e impossível: o corpo desejado por outros desejos. Está em jogo, aqui, não

¹¹ Embora Aristóteles tenha afirmado que “todos os homens têm, por natureza, o desejo de conhecer” (Metafísica, Col. Os pensadores), nem todos investem na busca do conhecimento sistemático, científico ou filosófico; na verdade, o conhecimento científico reservado somente a alguns poucos. Seguindo a linha do pensamento lacaniano, Mrech (1990) observa que há aqueles que revelam uma “verdadeira *paixão pela ignorância*, isto é, não só eles não querem saber, como acabam tendo raiva daqueles que querem saber. Com isso o sujeito é levado ao ponto mais baixo do saber(...). O que há por trás do saber levado ao seu mínimo? Há o gozo. O gozo enquanto uma satisfação pulsional e paradoxal que leva o sujeito a viver o pior, a manter um circuito de vida onde não haja mudança. Onde não haja investimento energético, onde haja apenas um cotidiano que continuamente se repete” (MRECH, 1999, p. 90-91).

aquela mulher, mas “a” mulher enquanto desejo. Mais ainda: “ao impor o meu desejo é preciso negar o desejo do outro e vice-versa”, analisa Garcia-Roza (1983). Assim, resta-nos reconhecer a brutal verdade: estamos condenados a desencontros e desencantos com outros em nossa realidade objetiva.

A formação dos professores passa ao largo dessas questões porque se acomodou a dar ênfase à dimensão cognitivista implicado no processo de ensino-aprendizagem (MORGADO, 2002). Por um lado, isso quer dizer que tal formação consiste em privilegiar os processos intelectuais e os conteúdos dos conhecimentos e, por outro, não incluir a dimensão afetivo-emocional, formando o sujeito como um todo. O aluno que consegue cumprir com essa formação é um aluno idealizado. Então, tal filosofia formativa ignora que: a) sujeitos são divididos em Consciente e Inconsciente; b) que o Inconsciente é movido por pulsões e desejos; c) denega que os atos e palavras humanos portam sentidos de sua história psicosexual; d) deixa de reconhecer que a educação opera através da repressão/recalque das pulsões sexuais; e) deixa de esclarecer as causas do mal-estar da civilização moderna. Desse modo, essa filosofia de formação perde a oportunidade de ‘trabalhar’ a construção dos sujeitos do ponto de vista do Inconsciente, que como já dissemos é o discurso do Outro.

Freud busca inspiração nos mitos de Narciso e Édipo, resgata as clássicas discussões no campo da filosofia (gr.: *pathos X logos*) e da psicologia das sensações, para elaborar suas principais teorias: Complexo de Édipo e o Narcisismo. Ter acesso a esses pressupostos teóricos abre o entendimento sobre como é estruturada a personalidade (etapas do desenvolvimento da libido), sinaliza ao professor sobre os fenômenos ‘transferência’ e ‘contratransferência’¹², entre tantas situações positivadoras ou negadoras do ensino e da aprendizagem.

¹² “**Contratransferência**” significa o conjunto de reações inconscientes do analista [também do professor, orientador] à pessoa do analisando [aluno, orientando] mais particularmente a transferência deste. Refere-se aos pontos cegos do profissional, a resistência causada pela ativação de núcleos não resolvidos, sobretudo ligados a sexualidade, a resposta emocional inadequada ou despreparada diante de alguma solicitação do paciente, aluno ou orientando. A contratransferência pode atrapalhar a função *psi*-profissional, sobretudo quando esse não se dá conta dela, ou quando não a toma como sinalizadora para o profissional empreender uma análise pessoal, ou seja, a contratransferência pode ser indicadora do estado psíquico do profissional. No campo da clínica analítica, Freud diz

Conceitos-instrumentos da psicanálise, tais como: “transferência”, “resistência”, “repetição”, “ganho secundário”, “escuta”, são desconhecidos pela maioria dos professores que estão destinados a conviverem com uma geração ainda mais complexa, literalmente mal-educada por pais negligentes e permissivos¹³ em nossa época e de uma escola que perdeu o foco sobre o que ensinar. A convivência difícil em sala de aula entre professores e alunos é sentida através dos sintomas de *stress*, indisciplina, agressão, depressão, distúrbios psicossomáticos, absenteísmo, fobia escolar, entre outros.

Para além do lugar comum de que a educação deve formar cidadãos críticos, participativos e responsáveis, a psicanálise entende que é preciso reconhecer os sujeitos e suas diferenças demasiadamente humanas.

A concepção bacon-comeniana do século 17 de “ensinar tudo para todos com um único método” se contrapõe à concepção psicanalítica que concebe os “sujeitos com suas especificidades e diferenças de estilo e ritmos”. Isso quer dizer que em vez de o professor levar os conteúdos prontos para “encher a cabeça dos alunos” da mesma maneira não seria mais sensato primeiro ‘escutar’ os sujeitos (alunos), pelo menos para saber se há interesse de abrir caminho para o seu desejo de aprender. Para a psicanálise, antes de tudo é preciso levá-los a se interrogar: qual é o meu desejo? Para que serve ser educado? O que é ser sujeito-aprendiz na contemporaneidade?

Para a psicanálise “ser sujeito” significa mais do que ser senhor de seu desejo. Implica no reconhecimento de que em vez de se pensar “in-divíduo” (não-dividido); o ser humano é cidadão de dois mundos onde ele é obrigado a viver: o ‘mundo Inconsciente’ e o ‘mundo Consciente’, dizia Hélio Pellegrino. Na escola o inconsciente pode ser captado nos atos de indisciplina, na falta de respeito à professora, nos lapsos

que “... nenhum psicanalista vai além do que lhe permitem os seus próprios complexos e as suas resistências internas”. (LAPLANCHE; PONTALIS, 1970: p.146-7; tb.: SANDLER, 1976, p. 55-63).

¹³ Pesquisa de Lídia Weber, da Universidade Federal do Paraná, confere um aumento significativo de pais negligentes (45%). Os restantes são: pais participativos (33%), pais permissivos (12%) e pais autoritários (10%). Disponível em: <<http://veja.abril.com.br/idade/exclusivo/051005/pesquisas.doc>>

e esquecimentos cometidos numa redação, na dificuldade de compreensão de um assunto subjetivamente censurado, nos desenhos-garatuja, nos chistes e brincadeiras compulsivas na sala de aula, nas repetições compulsivas de atos e palavras, nas ausências, no sentimento de frustração, no amor dirigido à professora, nas fantasias sexuais que boicotam a aprendizagem etc. Mannoni (1983, p.98) faz um alerta: “O professor deveria estar mais informado que atualmente das perturbações que podem sobrevir no domínio da leitura, da ortografia, do cálculo. A criança assistida aos sete anos tem maiores possibilidades de sair-se bem do que se for ajudada aos dez anos, tendo já, contra si, um passado de fracasso escolar”.

A escola moderna trabalha com o aluno idealizado, como se ele fosse movido por uma única força racional-consciente. Ela não reconhece as “razões do coração” (Rousseau) ou “a outra lógica” (Freud). A maioria dos professores e orientadores pedagógicos só conhece da psicanálise a sua ideologia, não sua teoria e suas técnicas. Falta-lhe, portanto, a capacidade para escutar¹⁴ as subjetividades. A escola pode se esforçar para formar um sujeito consciente do seu contexto histórico e ser no futuro um verdadeiro cidadão participativo e crítico da sociedade, mas isso é suficiente para ser feliz? A escola carece de um dispositivo que promova a escuta entre meninos e meninas, ambos se dispondo a aprenderem, mutuamente, como conviver com os problemas próprios de sua geração. E além da capacidade de escutar, falta o professor desenvolver a capacidade diagnóstica, não para rotular, mas para reconhecer que a criança é portadora de sintomas das tensões inconsciente dos pais, muitas vezes expressados pela tensão, meias palavras, atos, segredos, etc.

Diante das três dimensões de realidades que vivem os sujeitos: a **concreta** (extraída do cotidiano), a **subjetiva** (intrapsíquica), e **relacional** e **dialógica** que

¹⁴ ‘**Escutar**’ em psicanálise não simplesmente ouvir, que é uma condição física do aparelho de audição. Escutar psicanaliticamente é estar disposto para ouvir com uma “terceira orelha”, diria Theodor Reik (ver texto “No início é o silêncio”, publicado no livro organizado por NASIO, J.-D. *O silêncio em psicanálise*. Campinas: Papyrus, 1989). Isto é, escuta aquele que se posiciona zerado de ansiedade, pré-conceitos, juízos de valor, ou poder, deixando assim que o paciente ou aluno fale livremente. Escutar, ainda, é encontrar na fala propósitos significativos. É quando levantamos hipóteses sobre o sentido de nossa própria fala, ou seja, quando o paciente (ou aluno) se dispõe a se surpreender com o que lhe escapa na fala: “isso faz sentido”.

envolve os sujeitos no processo de desenvolvimento psíquico e social, a psicanálise propõe humildemente levantar hipóteses sobre os conflitos vividos no mundo interior de cada sujeito (subjetividade). A escuta da palavra, a leitura dos atos, e o uso do diálogo são fundamentais para entender e agir preventivamente sobre os efeitos do inconsciente. Mannoni observa que “a maneira de escutar [do professor e do psicanalista] é portadora de um sentido de apelo a uma verdade que os obriga a aprofundar a sua própria atitude fundamental...”(MANNONI, 1983, p. 11).

Segundo Bauman (1998), a modernidade ‘líquida’ traz algumas mudanças no estilo de ser, especialmente: falar, escutar e relacionar. Por exemplo, hoje as relações humanas tendem a serem “líquidas”, as palavras parecem esvaziadas de propósitos significativos e há pouca disposição e tempo para escutar o outro. Diferente dos anos 60 e 70, os jovens hoje não mais se interessam fazer a revolução para transformar radicalmente o mundo. Seus sonhos são pequenos e restritos ao mundo já pronto da indústria cultural. Nesse cenário, alguns desafios são postos para a escola: a revisão dos valores universais da civilização transmitidos pela família e escola; o declínio da autoridade do pai (sistema patriarcal), que também afeta a autoridade do professor em sala de aula; a descrença das grandes teorias de transformação da sociedade; o futuro sem ilusões ou utopias; os novos meios de comunicação de massa impondo novas linguagens e deixando a escola defasada; a insegurança no cotidiano e a incerteza quanto à sobrevivência do planeta etc. Trata-se de um novo cenário onde a escola parece ser uma instituição impotente para dar conta de preparar as novas gerações para enfrentar a complexidade diversificada e as novas formas de barbárie.

Ainda assim, pensamos que a escola e o professor podem cumprir com o seu papel eminentemente ensinante. Mas, falta reconhecer que há algo mais entre aluno-currículo-e-professor do que supõe a vã pedagogia. “Há sempre algo que escapa, fazendo a sua aparição, em situação escolar, através dos circuitos transferênciais, dos atos falhos, dos chistes, dos devaneios, etc. Levando os professores a ter que encarar certos lados que eles não gostariam de ver, tanto na sua atuação quanto na de seus alunos” (MRECH, aula da disciplina EDM5036 – FEUSP/2001).

Portanto, esse mini-curso se propõe ser uma “introdução” sobre a relação entre psicanálise e educação; propomos esclarecer de que maneira o inconsciente interfere na existência humana, e também no cotidiano da sala de aula. Quais conceitos *made in* psicanálise podem contribuir para o professor superar o senso comum pedagógico e elaborar hipóteses sobre cada sujeito e cada grupo em sala de aula. Já dissemos que os instrumentos de prevenção na escola são escuta, hipóteses interpretativas e atos pontuais que promova um sujeito civilizado. Também estaremos abertos para acolher e analisar algumas situações do cotidiano da escola trazidas pelos participantes desse encontro. Nossa intenção não é fazer uma interpretação última ou definitiva, mas tão somente levantar hipóteses interpretativas e abertas para discussão, ou seja, é imprescindível criar uma atmosfera de diálogo, condição básica para podemos forjar o nascimento de soluções para as “coisas” demasiadamente humanas. Isso nos ensinou Sócrates, na antiguidade, e Freud e Lacan, em nossa época.

4 A PSICOSSEXUALIDADE NA PSICANÁLISE

Tradicionalmente o tema "sexo" era responsabilidade de teólogos, confesores, moralistas, juristas e artistas. A concepção puritana do séc. 19, disseminada em todas as culturas de tradição judaico-cristã fez distorções da realidade sexual visando a adaptá-la aos interesses ideológicos vigentes.

O desejo das jovens era encarado como patológico, **doentio**, impuro e antifeminino, numa sociedade em que o tema sexual era presença constantemente negada. Tão incoerente era o não pensar em sexo que as muitas formas de evitar o tema não faziam senão trazê-lo à tona todo o tempo como hábito, freqüente e elegante, [no período vitoriano, na Inglaterra] de cobrir as pernas de mesas e pianos com pantalonas especiais para garantir a modéstia sexual (CHALAR SILVA, op. cit. 124115-6).

Somente no séc. 20, a sexualidade deixou de pertencer ao campo religioso, moral, jurídico e artístico e passou a ser tratado como um problema médico ou de saúde, mas, esse último nem sempre esteve isento de impregnação ideológica, de moral ou de princípios religiosos. Com exceção dos artistas, a sexualidade humana sempre foi objeto de repressão sexual. Entende-se por "repressão sexual, um conjunto

de interdições, normas, valores, regras de conduta estabelecidas pela cultura historicamente determinada, visando controlar o exercício da sexualidade, desde o desejo, o pensamento e sentimentos até a prática propriamente dita" (CHAUI, 1984, p. 9).

Fundada no cristianismo a sociedade ocidental fez da sexualidade mais sofrimento que prazer, mais culpa que alegria, mais medo que encorajamento. Basta resgatar as expressões: "perdida de amor", "aquela mulher se perdeu", "ser fulminado pela paixão", "ser atravessado pelas flechas do amor", "morrer de prazer", "morrer de amor", e tantas outras que desvelam o sentido "perigoso", ou "pecaminoso" que os teólogos viam na sexualidade humana. O teólogo e bispo de Hipona, Agostinho (354-430)¹⁵, acreditava que o ímpeto da concupiscência carnal (gozo sexual, gozo de comer ou beber) era uma força totalitária e absorvente que poderia afastar o homem de Deus. Os teólogos medievais chegaram a condenar como adúltero o marido que amasse com volúpia sua esposa. Era preciso dominar o impulso da volúpia e não se deixar levar com precipitação à copulação¹⁶.

Essa tradição cultural, religiosa e política para com a sexualidade humana será objeto de investigação de Freud e nas pesquisas psicanalíticas posteriores. A psicanálise reconhecer em todos os seres humanos resíduos de conflito psicosexual expressado nos diversos tipos de sintomas. Por exemplo, a angústia de castração sofrida de modo especialmente nos homens e a fobia à defloração ainda muito presente nas mulheres, levantam a hipótese de que a repressão sexual impediu várias gerações a uma vida sexual satisfatória e feliz. Wilhelm Reich, psicanalista dissidente de Freud, fundador da bioenergética, defendia uma tese radical: não há cura da neurose sem restabelecimento de uma vida sexual satisfatória¹⁷. Para esse terapeuta sexual, "a

¹⁵ Cf.: Agostinho, 1987, p. 189.

¹⁶ Cf.: Ariès e Bèjin, 1987, 144.

¹⁷ Cf.: Reich, s.d., XXII.

aplicação conseqüente da terapia das neuroses exige na maioria dos casos a superação da moral social em vigor por parte dos pacientes"¹⁸.

A concepção mais ampla sobre a sexualidade humana desenvolvida pela psicanálise, desde o 19 para, e estabelecendo conquistas significativas no séc. 20, acrescida por importante avanços das pesquisas nesse período, trouxe contribuições importantes para o campo da educação. Provavelmente, a contribuição que mais sobressaiu da psicanálise à educação foi o de elevar a criança à condição de sujeito desejante; fez os pais aprenderem a olhar e escutar melhor seus filhos como sujeitos movidos por Outra lógica (inconsciente) cuja matriz é psicosssexual. Não o sexo (anatomia), mas sim, a pulsão (conceito limite entre o psíquico e o somático) que dirige a maior parte de nossos sentimentos, emoções e ações. No campo educativo, as investigações psicanalíticas contribuíram para ampliar a consciência dos pais acostumados a bater nos filhos a pretexto de estarem educando. Afinal, impor dor a outrem é uma atitude sádica que deve ser conscientizada e freada, ainda que o outro esteja respondendo com um prazer masoquista.

A psicanálise ao reconhecer a sexualidade desde a tenra infância teria encontrado nela um ser não-inocente, mas desejante, muitas vezes angustiado, porque vive sempre em busca do prazer e de evitar a dor. A milenar repressão sexual e os atos de violência como formas 'normais' de educar na sociedade patriarcal, a imposição de obediência cega dos filhos, os sentimentos de humilhação, vergonha e culpa sempre que transgrediam as regras morais ou desafiavam a autoridade do pai-lei, os tabus da cultura, enfim, todas essas tradições sofreram uma ruptura em meados do século 20. Certamente, a educação é o lugar onde essas mudanças foram e ainda são mais sentidas: a família e a escola ainda são os lugares onde os valores entram em conflitos e terminam sendo testados na busca pela liberação dos corpos e das mentes historicamente reprimidos¹⁹. No caso da educação voltada para a sexualidade, hoje,

¹⁸ *Ibid.*, XXII.

¹⁹ Para melhor esclarecer sobre a relação moralidade social e disciplina-indisciplina, conferir artigos organizados por AQUINO, J. G. *Indisciplina na escola - alternativas teóricas e práticas*. São Paulo: Summus, 1996. Em Freud, há o artigo "Uma criança é espancada - uma contribuição ao estudo da origem das perversões sexuais", de 1919, v. XVII,

despontam distinções de filosofias e procedimentos entre a "educação sexual", "informação sobre coisas do sexo", e a "orientação sexual". É o que veremos, a seguir.

4 EDUCAÇÃO SEXUAL X ORIENTAÇÃO PSICOSSEXUAL

O enfoque de **Educação Sexual** tem sido parte do currículo escolar em vários países, cujo propósito se restringe em explicar como funcionam os órgãos de reprodução. Por “**informações sobre as coisas do sexo**” entendemos as campanhas para uso de preservativo, entrevistas com especialistas, reportagens, documentários, geralmente divulgado pela mídia (tv, jornais, revistas, panfletos, cartazes). Tais informações são dirigidas para o grande público, portanto, a linguagem tende a ser acessível ou próxima ao senso comum; vão desde aquelas dicas que visam esclarecer um leigo sobre um assunto de modo sério ou espetacular, até um documentário cujo propósito é mais restrito a um público mais esclarecido. Talvez o risco maior de tratar do assunto não seja o uso de linguagem acessível ou vulgar visando atingir determinados grupos sociais (gays, adolescentes, analfabetos), mas sim, se o assunto é veiculado de modo irresponsável ou com interesses meramente comerciais, diminuindo assim a probabilidade da mensagem ter um efeito de saúde para as pessoas.

A pesquisadora norte-americana, Bárbara Schneider (2000), que investigou mais de 7.000 adolescentes, em escolas de todo os EUA, concluiu que a era da informação - e da Aids - não está necessariamente aumentando a atividade sexual, mas o sexo seguro ou responsável e desencorajando os jovens à promiscuidade sexual. A nova geração norte-americana "sexualmente correta" está muito mais comprometida com o valor do casamento, só que deixando para casar cada vez mais tarde, isto é, depois de pelo menos concluir uma parte dos estudos ou se formar²⁰. Embora essa pesquisa

da Edição Standard Brasileira, Rio: Imago, 1974. Também, sugerimos o estudo de Lídia Weber “O uso de palmadas e surras como prática educativa”. Estudos de Psicologia, 2004. Ver seu blog: <<http://veja.abril.com.br/idade/exclusivo/051005/pesquisas.doc>>

²⁰ Cf.: Folha de S.Paulo, cad.Mais!30/01/2000.

revela sinais de retrocesso nos costumes ligados a uma sexualidade fortemente influenciada pela religião²¹, parece existir um avanço quanto à educação sexual da nova geração, uma vez que esses jovens demonstram um sentimento de coresponsabilidade quando se trata de “fazer sexo” ou “fazer amor”. Os rapazes de hoje tendem admitir maior responsabilidade como sujeito do ato sexual, principalmente quando existe gravidez, do que os jovens de antigamente. Por outro lado, surge uma tendência na nova geração de separar sexo de amor, que já existia nos homens, agora também aparece nas mulheres.

O recente enfoque da **Orientação Psicosexual** – ou **Orientação Sexual** - é uma profunda e ampla tomada de consciência sobre a **psicosexualidade**, agora melhor contextualizada e atravessada pelas emergências de nossa época. Trata-se de uma concepção que não apenas visa preparar os jovens e adultos para uma relação responsável e feliz, como também se orienta no sentido de prevenir a gravidez precoce ou evitar as doenças sexualmente transmissíveis, cujo alerta mais difundido é a AIDS.

O Guia de Orientação Sexual, do Fórum Nacional de Educação e Sexualidade (1994), que propôs uma estrutura para a criação de Orientação Sexual ou ampliação dos trabalhos existentes, visa oferecer subsídios para que cada professor e escola possam avaliar o que estão fazendo, assim define o trabalho de Orientação Sexual:

A Orientação Sexual, quando utilizada na área de educação, deriva do conceito pedagógico de Orientação Educacional, definindo-se como o processo de intervenção sistemática na área da sexualidade, realizado principalmente em escolas (...). A Orientação Sexual se propõe a fornecer informações sobre sexualidade e a organizar um espaço de reflexões e questionamento sobre postura, tabus, crenças e valores a respeito de relacionamentos e comportamentos sexuais. A Orientação Sexual abrange o desenvolvimento sexual compreendido como: saúde reprodutiva, relações interpessoais, afetividade, imagem corporal, auto-estima e relações de gênero. Enfoca as dimensões fisiológicas, sociológicas, psicológicas e espirituais da sexualidade através do desenvolvimento das áreas cognitiva, afetiva e comportamental, incluindo as habilidades para a comunicação eficaz e a tomada

²¹ **Exemplo:** o movimento fundamentalista cristão pelo casamento de virgens, ataques as clínicas de aborto, intolerância aos homossexuais, etc.

responsável de decisões (GUIA DE ORIENTAÇÃO SEXUAL, 1994, p. 8).

Um significativo avanço, nesse sentido, foi conseguido nas últimas décadas com os debates sobre a psicosexualidade nas suas diversas formas e estilos. Ou seja, da tradição baseada na ignorância de simplesmente fazer sexo, alienado, passamos a falar, discutir e entender sobre a sexualidade e suas diferenças. O sentimento de se estar autorizado para falar sobre a sexualidade teria sido desencadeado pela psicanálise, posteriormente reforçado pelas mudanças psicossociais ocorridas a partir da década de 1970, com os movimentos pela liberdade de expressão, a adoção dos costumes libertários (amor livre), a luta pela igualdade de direitos entre os sexos, os movimentos contra a homofobia (medo ou ódio aos homossexuais), entres outros. Segundo Chauí (1984), essas conquistas ainda "não significam necessariamente a dimensão ou compreensão crítica da repressão sexual". Talvez essas conquistas, enfim, tornem-se menos passionais e efêmeras, a partir da década de 1990, mas ainda existem resistências significativas em várias partes do mundo, com ou sem justificativas culturais, morais, políticas e religiosas.

Sem dúvida, a proposta de **Orientação Sexual** fez avanços mais no campo metodológico psico-educativo, mas não representou uma mudança significativa na cultura escolar. Os alunos hoje dão a impressão de estarem mais informados do que os de antigamente, mas o machismo ainda prepondera, o diálogo sobre psicosexualidade ainda é raro, insuficiente e guiado pelo senso comum, e, sobretudo, eles continuam sendo displicentes com a prevenção de doenças sexualmente transmissíveis e gravidez. Daí o Ministério da Saúde distribuir gratuitamente preservativos (camisinhas) não somente no período carnavalesco, com o propósito de diminuir os índices de doenças sexualmente transmissíveis (principalmente Aids) e a gravidez precoce.

A Orientação Sexual tem o cuidado de não ser normalizante, nem moralizadora das relações humanas, mas sim, ser guiada por uma filosofia aberta entre alguém disposto a falar, perguntar, oferecer testemunhos de sua vivência, e escutar outros, inclusive uma orientação especializada. Os demandantes de orientação sexual são os adolescentes e jovens, porque eles vivem uma fase normal de transição da infância

para a vida adulta que é manifestada através da modificação de seu corpo, das alterações psíquicas e dificuldades quanto aos afetos, os sentimentos, as paixões, os desejos e o amor, os sonhos, etc.

5 A ESCOLA É UM LUGAR SEM DESEJO?

Para a educadora Esther Grossi:

a escola busca se esterilizar de amor e agressividade, procurando ignorar em falas as circunstâncias à presença vigorosa dessas paixões: os sentimentos acoplados à sexualidade, à doença, à morte, às questões místicas religiosas não tem guarida na escola (GROSSI, 1995).

Ou seja, nosso sistema escolar ainda não sabe como ‘trabalhar’ o desejo humano e seus diferentes modos de expressão. ‘Trabalhar’ significa “não negar”, mas ter coragem necessária para falar e escutar sobre os problemas da vida sexual da criança, adolescente e adulto. Nem sempre o que as crianças e jovens querem falar sabem como dizer. ‘Trabalhar’ significa, ainda, fornecer meios e inspiração de confiança para que o outro (aluno, paciente) fale sobre sua subjetividade, revele seus desejos, receios, medos e angústias, sem retaliação ou crítica trivial.

Os professores estão despreparados para conversar sobre a psicosexualidade, porque implica de ele ou ela conhecer bem o conteúdo, ter elaborado suas vivências, e, sobretudo, estar bem posicionado quanto à contratransferência. No plano ideal, cada professor deveria se submeter a uma psicanálise para, minimamente, reconhecer seus conflitos endopsíquicos, reconhecer os seus desejos ocultos (não explicitados, nem admitidos), tabus e preconceitos, e sintomas denegados no cotidiano. Haveria também de questionar sobre a origem de sua vocação docente.

Usando uma metáfora nietzscheana, a escola ‘apolínea’, (a escola que nega o desejo, nega as paixões) se contrapõe à escola ‘dionisíaca’ (que valoriza as paixões demasiadamente humanas inclui o desejo, sobretudo o desejo de brincar, de criar, de fazer arte). A tradição da escola apolínea faz surgir três problemas: a) ao fazer pacto de ser apenas o lugar da transmissão racional científica, a escola termina virando às

costas para a dimensão demasiadamente dionisíaca, deixando marcas de vazios, frustrações, apatia, desinteresse, falta de alegria nos alunos, resistência em voltar à escola; b) a escola não premia, mas condena os aprendizes à somente conhecer (teorias, conceitos, se capacitar para uma profissão), isto é, a escola não se importa como transformar conhecimento em *sabedoria* prática para melhor viver a vida, com responsabilidade e autonomia; c) privilegiando excessivamente a racionalidade – através do “discurso da ciência” que vai contra uma parte do senso comum, que é sabedoria prática –, a escola apolínea pode provocar em alguns alunos uma reação de resistência à escola, a saber, em duas direções: paixão pelo não saber (ignorância) e “retorno do religioso ou incremento das superstições paracientíficas e dos comportamentos fundamentalistas e integristas” (JAPIASSU, 2001, p.27,49). Segundo esse autor, a explosão do irracionalismo na contemporaneidade, em suas diversas formas (do fundamentalismo religioso ao fanatismo terrorista) pode ter como causa o desencantamento da razão científica que pretendia *explicar tudo*, mas essa razão sem razoabilidade²² não sabe verdadeiramente *compreender* o sujeito em conflito consigo próprio, desencantado e temeroso com os efeitos colaterais da tecnociência.

Não raro, alunos e professores pouco comprometidos com o saber desenvolvem uma vida paralela, clandestinamente religiosa, mística, esotérica, ou resgatam uma pseudociência (livros de auto-ajuda) como se fosse plenamente confiável para serem divulgados e aplicados para solucionar todos os problemas subjetivos e sociais. Atitudes pseudocientíficas podem ser reconhecidas no cotidiano das escolas e universidades, inclusive durante as aulas, quando o professor e alunos reproduzem acriticamente alguns pré-conceitos, *slogans*, pronunciando-os como se fossem mantras, ou

²² A **razoabilidade** “combina a força intelectual do conteúdo com uma moderação no estilo” (Cf.: S. Toulmin, apud SOUSA SANTOS, 2004, p. 277). Ser **razoável** é demonstrar sensibilidade para com alguém que sofre, ou sustentar equilíbrio ou serenidade na ação prática ou política. Portanto, não basta usar **racionalidade** para tomar uma decisão. Um fanático nunca é razoável. Um terrorista nunca é razoável no seu ato, embora use da razão como instrumento para realizar seu ato criminoso. Também, os loucos, alcoólicos, drogadictos, corruptos, perversos, carecem de razoabilidade. A falta de razoabilidade em algumas profissões certamente compromete o resultado do trabalho e a imagem de um médico fumante, um professor mal educado com alunos, um juiz injusto ou faltoso na prudência necessária à sua função, etc. Mas, não podemos exigir razoabilidade de uma criança, pubescente ou adolescente, porque eles estão ainda formando sua personalidade. Ainda que tenha 16 anos, e legalmente pode votar, falta-lhes razoabilidade nas suas decisões e atos comuns do cotidiano. Mas, isso não quer dizer que devemos isentar uma pessoa, nessa idade, de responsabilidade pelos seus atos.

venerando um determinado autor sem consciência de estar sendo vítima do argumento de autoridade e de outras falácias que não resistem a um exame sistemático ou discussão pluralista.

Não se trata, aqui, de defender o dogmatismo cientificista formalmente transmitido na escola e na universidade. Mas é preciso defender que essas instituições são responsáveis de transmitir um saber sistemático, científico ou filosófico. E como tal saber não consegue dar conta de explicar e resolver “tudo” resta-nos reconhecer que vivemos uma “crise da razão”, sobretudo no mundo ocidental²³, com reações imprevisíveis para a civilização humana. Em nossa época, é preocupante a ascensão do irracionalismo rasteiro e fundamentalista; seus efeitos são danosos ao esclarecimento e a emancipação do ser humano.

Algumas influências teórico-metodológicas impedem um avanço na formação dos professores para além da dimensão apolínea. Basta analisar os currículos de formação dos professores para reconhecer o forte tom historicista, economicista, e apolinista. Como já argumentamos, a psicanálise não é considerada como um saber imprescindível para desvelar ou construir sentidos numa época marcada pela complexidade e fragmentação das formas de existência. Parece que a formação dos professores ainda carece de espírito científico, tanto para a pesquisa sistemática, como para ser usada no cotidiano. Não é raro, nos cursos de pedagogia, professores escolhem textos e autores numa clara intenção mais doutrinária (ideológica e dogmática) do que de abertura crítica, pluralista e sistemática, isto é, a verdadeira vocação da ciência.

A autorização do tema sexualidade no currículo ou mesmo durante a formação continuada dos professores ainda é influenciada pelas perspectivas da medicina, da biologia, da psicologia cognitivista; no fundo, trata-se de uma perspectiva restrita ao apolinismo, aqui mencionado. A psicanálise – que é um saber equilibrado entre o

²³ Para aprofundar sobre o assunto, sugerimos: JAPIASSU, H. “A crise da razão no ocidente” e “A revanche do irracional”. In: *Desistir do pensar? Nem pensar*. São Paulo: Letras & Letras, 2001. O primeiro texto está disponível em: <http://www.editoraeletronica.net/autor/069/06900100_1.htm - topo>

apolíneo e o dionisíaco, segundo nosso entendimento – quando é convocada para contribuir no sentido de ampliação da consciência dos jovens e dos docentes, entra pela porta dos fundos. Ou seja, ela é diluída como linha psicológica (psicologia do desenvolvimento, psicologia sexual etc) se arrisca, assim, ser ensinada próximo ao já sabido pelo senso comum, ou se deixando levar por um biologismo-anatomismo insuficiente para responder à curiosidade das crianças e jovens. Há ainda o risco de um discurso pretensamente psicanalítico servir aos abusos diagnósticos e a mercalização indiscriminada, por exemplo, receitar Ritalina às crianças e adolescentes expostos durante horas aos jogos eletrônicos e internet. Como evitar ser hiperativo diante da tecnologia pressionando a ser cada vez mais ‘ativo’, rápido, descartável? Tudo depende do preparo profissional, inclusive ético, de cada professor(a) no sentido de desenvolver um bom clima de trabalho, que passa pela aprendizagem para saber escutar, questionar, e orientar crianças, adolescentes e adultos vivendo como aprendizes.

6 OS PAIS DIANTE DA SEXUALIDADE: QUASE-CONCLUSÃO

Apesar dos avanços das teorias focadas na educação nas últimas décadas, os pais hoje ainda demonstram insegurança, inabilidade e desconforto pessoal para lidar com as questões da sexualidade dos filhos. Com frequência os filhos se queixam que seus pais são muito tímidos ou fugidios quando o assunto é sexualidade, principalmente, tratar sobre os assuntos: primeira menstruação, primeira experiência sexual, medidas preventivas, sobre o ‘ficar’ e as novas formas de namoro etc. Diante da farta informação na mídia sobre sexo, há pais desobrigados para dialogar com os filhos, confundindo informação com conhecimento e sabedoria. Um número significativo de pais demonstra contradição entre o que supostamente sabem e a atitude que devem adotar diante dos filhos e alunos (LIMA, 2001).

Nesse pequeno artigo indicado acima, apontamos o resultado de uma pesquisa: de 100 pais entrevistados, apenas 34 disseram saber conversar com os filhos sobre temas importantes para a vida em geral. Pesquisa do Instituto DataFolha realizada em dez capitais brasileiras e divulgada em 27/06/93, constatou que 86% das 5.076 pessoas

são favoráveis à inclusão de Orientação Sexual nos currículos escolares. Apesar de favoráveis, ou por causa disso mesmo somente 32% dos pais conversa sobre sexo com seus filhos; 50% nunca chegaram a ter essa conversa (dados do Guia de Orientação Sexual, 1994). No nosso entendimento, a psicanálise poderia contribuir para melhorar a educação e orientação sexual dos jovens, começando por criar um dispositivo grupal nas escolas para eles falarem sobre o seu momento de vida. Paralelo, também deveria ser criado um dispositivo grupal para os professores e pais falarem sobre suas dificuldades em relação ao estilo da nova geração.

Sem dúvida, os pais de hoje tem mais informação e melhor conhecimento teórico que seus pais e avós, mas, a pesquisa mencionada revela que os mesmos ainda não estão preparados para a ação efetiva de bem educar os filhos no campo da sexualidade.

Como professor-pesquisador e psicanalista entendemos que as informações divulgadas nas revistas pornográficas encontradas nas bancas não educam, não orientam e nem sequer proporcionam informação e esclarecimentos científicos sobre a sexualidade humana. Parece-nos existir na imprensa um acentuado interesse que vai do espetáculo à moral sobre como devemos viver a sexualidade. Falta, pois, um enfoque verdadeiramente esclarecedor sobre esse assunto. Pode parecer aos desavisados que a sociedade contemporânea está excessivamente sexualizada. Será mesmo? Ou estamos convivendo com a redução da psicosexualidade em apenas ato sexual: exposição anatômica do sexo para fins mercadológicos ou estetização do faz-de-conta erótico?

A estimulação erótica cada vez mais cedo na vida das crianças é um fato; os jovens da atualidade estão amadurecendo mais cedo do que os jovens de trinta anos atrás; é preocupante ver essa nova geração gastando o tempo, sozinhos, diante de telas (televisão e Internet) extraíndo gozo com joguinhos eletrônicos, com imagens eróticas, ou trocando mensagens sem fim. É oportuno lembrar que os pais precisam participar mais da vida cotidiana dos filhos, orientando-os principalmente no sentido das atividades que desenvolvam o pensamento crítico, as amizades autênticas, a

sexualidade responsável e sadia. Mas também reconhecemos o limite do pai ou da mãe em acompanhar *full time* o que está acontecendo com seus filhos fechados em seu mundinho virtual. Que fazer, então?

Segundo o ponto de vista da psicanálise de leitura lacaniana, uma educação pode mudar de curso pela mudança do posicionamento do pai e da mãe em relação ao filho/filha, assim como entre eles próprios, isto é, do pai em relação à mãe e vice-versa. Noutros termos, sustentando o 'ato educativo' dos pais existe um conhecimento teórico, valores morais, equilíbrio afetivo-emocional. Não estamos afirmando que todos os atos humanos pressupõem uma teoria, mas sim, que o ato educativo segue algum modelo considerado "certo" de como ser pai ou mãe. A mudança do posicionamento de um dos pares (pai-filho, mãe-filha, pai-filha, mãe-filho, de acordo com cada fase do desenvolvimento e as contingências) pode fazer diferença na educação em geral. Dito de outro modo, antes de saber como orientar um filho/a ou aluno/a entrarem na puberdade/adolescência, é imperioso pais e educadores, cada um analisar sua própria história sexual.

O professor-orientador da escola diante do limite do saber dos pais sobre as questões da sexualidade é desafiado para ir 'para além' das informações da mídia e do senso comum. Ele deve estar alfabetizado na linguagem dos jovens para saber escutar com uma "terceira orelha", e sempre procurar responder seu pedido de ajuda com tato, consideração, informação, conhecimento e sabedoria.

Todavia, uma vez esgotados os seus recursos didático-pedagógicos convencionais, e se tratando de uma demanda clínica específica de um jovem que cause angústia persistente no professor-orientador, é usual sugerir ao próprio procurar um profissional de psicologia, psicanálise ou medicina para entrevistas preliminares, condição de avaliação para um possível tratamento psicoterapêutico ou psicanalítico. A demanda por um profissional dessas áreas, atualmente, mais que preencher uma necessidade ou curiosidade, deve ser encarado como um procedimento preventivo dos pais e professores, sobretudo no período denominado crise normal da puberdade e da adolescência. Afinal, a sexualidade é um importante capítulo da existência humana

para compor a felicidade; ela começa desde o nosso nascimento e atravessa toda a vida como se fosse um enigma indecifrável do psiquismo.

REFERÊNCIAS

- ADORNO, T. **Educação e emancipação**. Rio de Janeiro: Paz e Terra, 1995a.
- ADORNO, T. **Palavras e sinais**. Petrópolis: Vozes, 1995b.
- AGOSTINHO, S. **A verdadeira religião**. São Paulo: Paulinas: 1987.
- ALTHUSSER, L. Freud e Lacan. In: **Estruturalismo: antologia de textos teóricos**. São Paulo: s.d., p.229-255.
- ARIÈS, P. & BÉJIN, A. (Orgs.) **Sexualidades ocidentais**. 3. ed. São Paulo: Brasiliense, 1987.
- BAUMAN, Z. **O mal-estar na pós-modernidade**. Rio de Janeiro: Jorge Zahar, 1998.
- CHALAR SILVA, A. **A sexualidade humana comparada**. Fundamentos Bio-antropológicos da Terapia Sexual. Rio de Janeiro: Achiamé, 1980.
- CHAUÍ, M. **Repressão sexual, essa nossa desconhecida**. São Paulo: Brasiliense, 1984.
- CHEMAMA, R. **Dicionário de psicanálise**. Porto Alegre: Artes Médicas, 1995.
- FLEMM, L. **A vida cotidiana de Freud e seus pacientes**. P. Alegre: L&PM, 1988.
- FREUD, S. [1905]. Três ensaios sobre a sexualidade.v.VII. In: **Edição Standard das Obras Completas de Sigmund Freud**. Rio de Janeiro: Imago, 1974.
- FREUD, S. [1900]. A interpretação dos sonhos. v. IV In: **Edição Standard das Obras Completas de Sigmund Freud**. Rio de Janeiro: Imago, 1974.
- FREUD, S. [1910]. Psicanálise 'silvestre'. v. XI. In: **Edição Standard das Obras Completas de Sigmund Freud**. Rio de Janeiro: Imago, 1974.
- GARCIA-ROZA, L.A. **Freud e o inconsciente**. Rio de Janeiro: Zahar, 1983.
- GROSSI, E. Um lugar onde o desejo não está. **Jornal O Estado de S. Paulo**. 25/04/95.
- GUIA DE ORIENTAÇÃO SEXUAL: DIRETRIZES E METODOLOGIA. **Trabalho de Pesquisa e Orientação Sexual, Assoc. Bras. Interdisciplinar de AIDS, Centro de Estudos e Com. em Sexualidade e Reprodução Humana**. 5. ed. São Paulo: Casa do Psicólogo, 1994.
- JAPIASSU, H. **Desistir de pensar? Nem pensar: criando o sentido da vida num mundo funcional e instrumental**. São Paulo: Letras & Letras, 2001.
- JAPIASSU, H. & MARCONDES, D. **Dicionário básico de filosofia**. Rio de Janeiro: Jorge Zahar, 1991

KURZ, R. A pulsão de morte da concorrência. **Folha de S.Paulo, Cad. Mais!** 26/05/2001.

LACAN, J. A significação do falo. In: **Escritos**. São Paulo: Perspectiva, 1966, p.261-273.

LAPLANCHE, J. & PONTALIS, J.-B. **Vocabulário da psicanálise**. 5. ed. São Paulo: M. Fontes, 1970.

LIMA, R. A contradição dos pais. **Jornal Maringá Missão**, Maringá: Jun-2001. Tb. disponível em: <www.espacoacademico.com.br>

MANNONI, M. **A primeira entrevista em psicanálise**. 3.ed. São Paulo: Campus, 1983.

MANNONI, M. **Um saber que não se sabe**: a experiência analítica. Campinas: Papyrus, 1989.

MORGADO, M. A. Contribuições de Freud para a Educação. In: PLACCO, V. M. N. de S. (Org.). **Psicologia & Educação**: revendo contribuições. São Paulo: Fapesp, Educ, 2002. p. 97-116.

MRECH, L. **Psicanálise e educação**: novos operadores de leitura. São Paulo: Pioneira, 1999.

PELLEGRINO, H. Édipo e a paixão. In: **Os sentidos da paixão**. São Paulo: C. Letras, 1986,

PENNA, A.G. A psicanálise e o movimento psicanalítico. In: **Introdução à história da psicologia contemporânea**. Rio de Janeiro: Zahar, 1978, p.85-156.

PUCCI, B.; RAMOS-DE-OLIVEIRA, A.A.; A.ZUIN, A. **Adorno**: o poder educativo do pensamento crítico. 3.ed. Petrópolis: Vozes, 2001.

REALE, G. O saber dos antigos. São Paulo: Loyola, 1999.

REICH, W. [1932] **Irrupção da moral sexual repressiva**. São Paulo: M. Fontes, s.d.

RODRIGUES DOS SANTOS, L.A. O que Freud poderia ensinar aos professores? In: **Educação em Foco**, v.11,n.2,p.101-107.

SANDLER, J. *et. al.* **O paciente e o analista**: fundamentos do processo psicanalítico. Rio de Janeiro: Imago: 1976.

SCHNEIDER, B. **Folha de S. Paulo** - cad. Mais!30/01/00.

TOULMIN, S. Como a razão perdeu o seu equilíbrio. In: **Conhecimento prudente para uma vida decente** (Org.: Boaventura Sousa Santos). São Paulo: Cortez, 2004, p. 269-289.

VEIGA, F. D. **O aprendiz do desejo - A adolescência pela vida afora**. São Paulo: Cia. Das Letras. 1997

ZAKRZEWSKI, S.B. & ZAKRZEWSKI, S.C. Orientação Sexual. Porto Alegre. **Rev. do Professor**, 13 (52): out./dez. 97, p. 17-20.

ZIZEK, S. **Eles não sabem o que fazem. O sublime objeto da ideologia.** Rio de Janeiro: Jorge Zahar, 1990.

ZIZEK, S. O superego pós-moderno. In: **Folha de S. Paulo – Mais!** 23/ maio/ 1999, p. 5-8.

ZUIN, A. A educação de Sísifo: sobre ressentimento, vingança e *Amok* entre professores e alunos. In: **Educação e Sociedade**, v.29, n.103, p. 583-606, maio/ago.2008.